

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

I/D Informação Documentação (Portuguese)

ID and Anima Una

10-1-1984

1984 Vol. 36: "Eis o tempo favorável"(2 Cor.6,2)

A Equipe Generalícia

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/id-po>

Repository Citation

A Equipe Generalícia. (1984). 1984 Vol. 36: "Eis o tempo favorável"(2 Cor.6,2). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/id-po/39>

This Article is brought to you for free and open access by the ID and Anima Una at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in I/D Informação Documentação (Portuguese) by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

"Eis o tempo favorável" (2 Cor. 6,2)

Uma longa caminhada

Será preciso dizer à Congregação que "chegou o tempo favorável"? Um tempo privilegiado na caminhada da sua renovação? Que o apelo e a necessidade da conversão são cada vez mais prementes?

Há já dois anos que perguntas como estas não nos largam. Foi em encontros convosco que elas emergiram no nosso espírito; depois, procurando discernir os sinais de Deus na realidade que a Congregação vive e nas transformações por que o mundo passa, elas acabaram por se nos impor. Mas a resposta continuava hesitante: os apelos de Deus nem sempre são fáceis de discernir.

Em 1983, durante o nosso retiro de Assis, voltamos a reflectir e a meditar sobre esta pergunta. O tema escolhido tinha sido: "A segunda conversão em Libermann". Porque ao fim e ao cabo, o problema era este: "chegamos nós a uma etapa decisiva que pedirá a toda a Congregação uma espécie de segunda conversão"? Procurando fazer a leitura, tanto dos sinais positivos como dos negativos, ao nível de toda a Congregação, a nossa conclusão foi que devíamos ainda aprofundar um pouco mais a nossa reflexão com os confrades.

Nos dois números anteriores de I/D, procuramos transmitir-vos o fruto da nossa reflexão. I/D, n.34 (Dezembro de 1983) "Vai para o país que te hei-de indicar" apresentava alguns sinais que mostravam que a Congregação se tinha já posto a caminho; de facto, nela se notavam um movimento para a periferia, um movimento para uma maior universalidade, um movimento para a renovação da vida e um movimento para o futuro.

O número seguinte: "Agarrar a esperança que nos é oferecida", procurou ir um pouco mais longe e chegar ao coração do problema: que renovação é hoje pedida aos Institutos missionários? Novos passos seriam dados nas nossas visitas e sobretudo com o encontro da Comissão das Constituições, em Carcavelos, nos finais de 1983.

As nossas conclusões

Em Maio de 1984, retiramo-nos durante dois dias para partilhar o resultado da nossa experiência. A pergunta de base foi: "Terá chegado o momento de uma segunda conversão para a Congregação"? Da nossa partilha, chegamos às seguintes conclusões:

● Podemos confirmar que de facto a Congregação está a fazer um esforço de renovação, e que as quatro orientações apontadas são as pistas fundamentais deste movimento (I/D 34 e 35).

- Há toda uma reflexão sobre a vocação espiritana inspirada nas fontes e procurando re-situar a nossa vocação nas mudanças do nosso tempo. Em Carcavelos, mais que em nenhuma outra parte, ficou clara esta dimensão.
- Cada vez mais se sente o dedo de Deus no esforço feito pelos confrades para renovar a sua vocação apostólica e aprofundar a sua vida interior; em muitos casos se pode falar de verdadeira conversão.
- Várias circunscrições tomaram como orientação principal da sua animação a renovação pessoal e comunitária.
- Não faltam evidentemente sinais negativos; mas, em geral, são os aspectos positivos que mais se impõem.

Os próximos dois anos

Todo este longo discernimento, nem sempre fácil, nos leva às seguintes linhas de rumo para os dois anos que nos separam do Capítulo Geral:

- A resposta aos apelos do nosso tempo e a caminhada actual da Congregação, longe de estarem concluídas, têm ainda um longo caminho a percorrer. Cada vez se torna mais claro que a nova época missionária que estamos vivendo, nos pede uma espécie de re-fundação.
- No itinerário desta re-fundação, a julgar pelos sinais e sobretudo pela disponibilidade e aspiração a ir mais longe, parece-nos que verdadeiramente Deus chama a Congregação a uma segunda conversão, etapa decisiva para os Institutos em tempo de viragem: ou se convertem ou morrem.
- Este apelo à segunda conversão da Congregação é um apelo a um certo número de conversões, tanto ao nível comunitário como ao nível pessoal.
- A etapa actual será antes de tudo, o momento de uma conversão ao essencial tanto das pessoas como das comunidades.

É claro que estas intuições são susceptíveis de rectificações posteriores. Também aqui estamos no claro-escuro dos caminhos do Senhor. Há bastante clareza para nos lançarmos nesta direcção; mas há também obscuridade suficiente, para não esquecermos que, só caminhando na fé, poderemos acertar no caminho.

Os caminhos da re-fundação

Chamados à re-fundação

O nosso mundo a evangelizar é um mundo em gènesese e aspira a "uma nova ordem mundial". Para responder a este mundo em transformação, a Igreja, depois do Vaticano II, tem feito um esforço para se renovar e se transformar nessa "outra igreja" prevista pelo Concílio e que traz consigo as promessas de uma "nova época missionária". Deste mundo e desta igreja em transformação, emerge claro um apelo à re-fundação e a um certo número de conversões.

Há já vários anos que procuramos decifrar, em conjunto, as "palavras" que a mão discreta de Deus vai escrevendo através de novas situações e da nossa resposta. Procuramos endireitar os nossos caminhos; vivemos ainda esse estado de transformação que se orienta para uma "nova" Congregação. O "projecto" das novas Regras e Constituições reflecte o essencial destas pistas. Neste número, queremos evocar algumas destas pistas mais importantes e os passos que será preciso dar, no momento actual da "re-fundação" da nossa Congregação.

A inspiração das fontes A nossa vocação particular

Não pode haver re-fundação sem uma verdadeira inspiração nas fontes, nos nossos Fundadores e na nossa tradição viva, e sem a sua interpretação para hoje! Nós temos uma vocação particular na missão da Igreja. E o sinal de Deus aí está, em todo um conjunto de confrades, que procuram cada vez mais explorar as fontes espiritanas. Até parece que as nossas duas recentes beatificações, a do P. Laval e a do P. Brottier, são marcos a indicar-nos o caminho, neste tempo de renovação.

Por isso não podemos deixar de encorajar de um modo particular: as publicações e as traduções das nossas fontes; as jornadas e colecções que se inspiram nos nossos Fundadores; os projectos em curso dos "lugares santos espiritanos": de Laval na ilha Maurícia, de Brottier em Auteuil, de Libermann na rua Lhomond e na Alsácia; e a investigação sobre a espiritualidade espiritana.

A unidade de vida Para a Missão

Todos conhecemos a nossa já velha questiúncula de família: o conflito entre o missionário, o religioso e a comunidade. A maneira de conceber e unificar a vocação espiritana nestes elementos essenciais não pode deixar de se repercutir na nossa vida e nas nossas opções. Graças ao regresso às fontes, à contribuição importante dada pela reflexão do mês espiritano de Gentinnes em Agosto de 1983 e ao trabalho da Comissão das Constituições em Carcavelos, começa a desenhar-se uma visão comum de que o projecto da Revisão das Constituições se faz eco: "Somos consagrados pelo Espírito Santo, de um modo definitivo, ao apostolado. Originários de diversas culturas, realizamos a nossa vida apostólica na prática dos Conselhos evangélicos, em comunidade fraterna" (n. 3).

A inspiração de Libermann é manifesta. Para ele, o espiritano é, antes de mais nada, um apóstolo. Esta vida de apóstolo "não é senão a vida toda de amor e de santidade que o Filho de Deus levou sobre a terra para salvar e santificar as almas e pela qual Ele se sacrificou à glória de seu Pai" (N. D. II, 290). Expressando assim o essencial da vida apostólica, Libermann coloca no mesmo pé a vida religiosa: esta é a via que faz viver em plenitude a vida apostólica. Do mesmo modo a vida de comunidade tomo o seu pé na vida apostólica; ela impõe-se para o bem do apostolado e a santificação dos membros da Congregação, necessária à fecundidade do apostolado.

Neste tempo de preparação das novas Constituições e da re-fundação, parecemos importante: procurar resolver as ambiguidades da vocação espiritana nos seus traços essenciais e verificar a unidade de vida que se propõe, tendo como objectivo a Missão; sublinhamos o desafio que o ser missionário implica: esta vocação cobre a vida toda, na diversidade das suas etapas e das suas situações, jovem ou velho, doente ou são, trabalhando na Província ou fora dela; fazer um exame de consciência sobre a nossa vida apostólica a ver se ela está bem orientada para aquele essencial de que Libermann falava; não se refugiar no "religioso" para abdicar de ser missionário, e do mesmo modo, não sacrificar o "ser religioso" ou a "vida de comunidade" sob o pretexto de ser missionário, esvasiando assim a vida apostólica da fonte da sua fecundidade.

Rejuvenescer o nosso ideal Critérios

Com o tempo, todo o instituto tende para envelhecer e para se afastar do seu ideal. Além disso, hoje há tantas situações e evoluções a ter em conta, que não é fácil renovar-se e permanecer fiel dentro da própria vocação particular. E contudo, é esta uma tarefa indispensável, se se quer ser fiel à Missão de hoje e de amanhã.

Constatando, por um lado o envelhecimento da Congregação e por outro, os sinais de rejuvenescimento que afloram, parece-nos importante:

- Sublinhar e precisar os traços particulares da nossa vocação espiritana na missão da Igreja; é lá que se situam os critérios das nossas opções. O projecto das novas Constituições define-os assim: *Somos consagrados para a evangelização dos pobres. Estamos disponíveis para as tarefas, para as quais a*

Igreja encontra dificilmente obreiros. Vamos para os povos e para os indivíduos onde as necessidades são maiores, ou que são oprimidos, ou que ainda não ouviram a mensagem evangélica, ou que apenas a ouviram, e de quem nós somos chamados a partilhar a vida (n. 4). É preciso verificar estes critérios.

- Rejuvenescer, segundo este ideal, intensificando os movimentos detectados na Congregação, como sejam: a periferia, a universalidade, a renovação de vida. Estes movimentos, chamados a desenvolver-se, representam os nossos esforços para re-interpretar estes critérios no contexto da vida. Nos I/D 34 - Caminhos do Futuro - pgs. 2 e 3, podereis encontrar as pistas desta renovação.

Evangelizar os pobres Justiça e paz

A renovação da nossa vocação particular, e por conseguinte a re-fundação segundo os apelos do nosso tempo, far-se-á sobretudo pelo anúncio do Evangelho aos pobres. A justo título, cada vez mais entre nós, se torna mais forte "o grito dos pobres", pois o fenómeno dos pobres cresce cada vez mais. Sobretudo desde o último Capítulo Geral, vai emergindo uma atenção particular pelos pobres e oprimidos, os explorados, os sem voz, a quem se arrancaram os direitos fundamentais. Se nos pusermos à escuta deste mundo, que é o nosso, este "grito dos pobres" nos pedirá um certo número de conversões:

- Abrirmo-nos à nova leitura dos pobres, segundo as orientações do último Capítulo geral, ou seja: uma insistência particular sobre os pobres que são oprimidos ou lesados nos seus direitos humanos.
- Tomarmos consciência de que a justiça e paz é para nós um critério essencial que entra nos fins que a Congregação se propõe.
- Convenceremo-nos que a evangelização é "libertação integral do homem".

É já nesta orientação que se move o projecto das novas Constituições: "Como testemunhas dos tempos novos", o Espírito de Deus impulsiona-nos para uma acção profética em favor da justiça e para um compromisso sincero com a libertação integral do homem. O que, da nossa parte, implica uma contínua conversão, à escuta do grito dos pobres (n.5).

Esta nova leitura dos pobres, com acento sobre a justiça e a paz, interpela-nos a uma conversão, não só nos compromissos que assumimos, mas também nas nossas próprias atitudes:

- Justiça e paz é, no fundo, o sonho da vinda do Reino de Deus.
- É necessário ver o mundo com os olhos dos pobres e dos oprimidos, com os que sofrem injustiças. É preciso estar do seu lado, para ter este olhar renovado.
- Comprometer-se com a justiça e a paz é também fazer entrar na nossa oração e na nossa contemplação a miséria colectiva e social; pôr estes problemas da justiça e da paz, no coração da nossa vida espiritual.
- Justiça e paz é uma nova maneira de ver que nos levará necessariamente a uma nova maneira de viver e de agir.

Esta "outra Igreja" em gênese Promessa de uma nova época missionária

Como resposta a este mundo em transformação, o Vaticano II abriu um movimento de renovação da Igreja, que está longe de ser terminado. A julgar pelas perspectivas abertas e pelo que se faz já em muitas igrejas, adivinham-se as promessas de uma nova época missionária. Sobre que pontos é que será necessário insistir para embarcar nesta "outra Igreja" em gênese e nestas promessas da nova época missionária?

O projecto das novas Constituições, no capítulo 1, que descreve os traços essenciais da vocação espiritana, exprime-se do seguinte modo: *Participamos no nascimento de comunidades cristãs e de igrejas profundamente enraizadas na*

cultura local, e plenamente responsáveis pelo seu próprio desenvolvimento (n.6). Estas palavras refletem apenas traços daquilo que poderíamos chamar o "cântico novo" do missionário, inspirado no Concílio e na experiência das igrejas, e que se começa a ouvir entre nós. Evoquemos algumas estrofes deste cântico:

- É a Igreja, povo de Deus, que é toda Ela missionária. Ao serviço das igrejas locais, compete-nos criar pequenas comunidades cristãs, desenvolver os ministérios e os serviços, formar responsáveis, suscitar vocações sacerdotais, religiosas e missionárias. Trabalhamos pelo desenvolvimento de uma "missão partilhada", que apressará a maturidade da igrejas e nos deixará livres para responder a outros apelos.
- Trabalhamos por uma corresponsabilidade de todas as igrejas na Missão universal. Um dia virá em que igrejas jovens e antigas partilhamo colegialmente o mandato de anunciar o Evangelho a todas as criaturas. Estamos a entrar na era da missão que se alarga a todos os continentes em todas as direcções - "de toda a parte para toda a parte"; missão que se chamará diálogo, partilha e entreajuda entre as igrejas. Partilhando o "cuidado de todas as igrejas", é nosso propósito apressar esta família do futuro, abrindo-nos cada vez mais à missão universal, dando uma particular preferência às igrejas mais necessitadas, partilhando o testemunho de outras igrejas e criando novas fundações e províncias.
- Trabalhamos numa Igreja que vive um novo "exodo" para atingir "todos os homens e o homem todo". Nós próprios embarcamos neste exodo, intensificando o "movimento para a periferia". Sonhamos sobretudo com uma nova "sementeira da Palavra" que a implante entre os privilegiados do Reino: os pobres, os abandonados e os oprimidos.
- Reconhecemos como caminhos privilegiados da Missão de hoje e de amanhã aqueles mesmos que o importante seminário de SEDOS 81 nos propôs: a proclamação a inculturação, o diálogo e a libertação. Temos bem consciência de que estes caminhos estão ainda em grande parte por descobrir: o Espírito nos precede antes da proclamação; não faltam valores salvíficos nas realidades humanas, nas culturas e nas religiões.

No coração da vida apostólica O essencial

Até aqui evocamos vários caminhos e conversões a fazer para renovar a nossa vida apostólica, à luz do contexto de hoje e das realidades que vivemos. É momento de falar agora do coração desta renovação, o seu essencial: a conversão pessoal e comunitária. Procuramos já discernir os seus momentos privilegiados no itinerário actual da re-fundação (I/D 34 e 35, e pg. 1).

Esperamos que o novo discernimento seja justo. Vários indícios nos dizem que é necessário passar por esta etapa. Os estudos sobre a renovação dos Institutos consideram-na como decisiva. À luz da fé, os tempos de provação e de mudanças são tempos de conversão pessoal e comunitária; são os tempos fortes em que se forjam os novos projectos. É um tempo privilegiado de santos e profetas. Foi bem no cerne de uma experiência de sofrimento que Libermann passou pela "segunda conversão", e concebeu o seu projecto missionário. Foi no tempo do exílio que o povo de Deus se voltou para o Senhor e despertou para o projecto universalista, de que fala o Segundo Isaias.

Deixar-se seduzir por Ele Conversão pessoal

Creemos que todas as evoluções e conversões mencionadas até aqui, as provocações e sacudidas destes últimos vinte anos, ao fim e ao cabo revelam-nos a intenção de Deus: levar-nos para Ele e deixarmo-nos prender por Ele. Para renovar a nossa vida apostólica, à luz deste mundo e desta Igreja que está emergindo, o Senhor quer-nos fazer tomar o caminho mais curto, o de nos tornarmos íntimos de Deus; veremos com o Seu olhar, escutaremos os mesmos apelos, os dos

pobres, de um modo particular; sō assim seremos capazes de responder com a "força do Espírito".

Se hoje ouvires a voz do Senhor, não endureças o teu coração (Sl 94,7-8). Ninguém é sō; nōs bem o podemos dizer: a graça estā operando em muitos confrades para os conduzir a conversões, talvez mesmo a esse passo decisivo da "segunda conversão". É assim que cada um colaborará, no que lhe compete, na renovação do conjunto dos confrades e na conversão da Congregação. Vale a pena tentar: esta graça da conversão será uma espécie de nova chamada para a Missão do futuro.

A conversão pessoal diz mais particularmente respeito às pessoas da segunda idade, entre os 45 e 60 anos. Vários, no determinado momento deste período, se vêem numa viragem: as opções, os valores e os sonhos passaram já pela experiência da vida; nesta altura descobrimos já a nossa fragilidade e os nossos limites por vezes mesmo, os fracassos. Não é fácil reencontrar o nosso lugar neste horizonte onde tanta coisa mudou. Podemos facilmente encontrar uma solução de compromisso, mas podemos também aceitar o desafio, e dar um passo decisivo, passar à "segunda conversão". Esta não é senão dar-se definitivamente a Deus, encontrar uma nova síntese da vida, renovar as nossas opções fundamentais; é quase uma nova descoberta da vocação.

Como a maioria dos Confrades se encontra nesta etapa da "segunda conversão" a renovação da Congregação dependerá muito deste grupo.

Uma prioridade

A renovação comunitária

É verdade que são evidentes os esforços feitos para renovar a nossa vida de comunidade; mas é verdade também que o ritmo desta renovação tem sido um pouco lento. Dispersamo-nos muito e temos dificuldade em encontrar motivos para viver em comunidade. Não nos faltam belos documentos capitulares; mas a vida nem sempre lhes é conforme.

Importa reinterpretar no contexto de hoje a inspiração de Libermann. Para Ele, repitamo-lo ainda, a vida de comunidade tem uma finalidade apostólica; ela impoe-se para a eficácia do apostolado e para a santificação dos membros necessária à fecundidade apostólica. O Projecto das novas Constituições, no capítulo 3, procura situar a comunidade nesta perspectiva.

Para promover a vida de comunidade, o Capítulo Geral de 1980 pediu que a renovação comunitária fosse uma das prioridades mais importantes e que se fizesse um estudo sobre o assunto, ao nível de toda a Congregação. Este estudo está em curso; ele visa, em última análise, a precisar os meios para levar a cabo esta renovação.

Recomendamos de um modo particular: que se procurem discernir as motivações da vida em comunidade; que as comunidades se orientem no sentido da comunidade apostólica; que se abram, como já se faz em algumas circunscrições, à ideia do "projecto comunitário" (cf. Projecto n. 61,1).

"Espiritualidade nova"

Vida religiosa integrada

Nestas páginas propusemo-nos algumas conversões e passos a dar para nos inserirmos no ritmo de um mundo novo e de uma Igreja em gēnese, que anuncia uma nova época missionária. Mas será difícil fazer estas conversões, sem renovar a nossa espiritualidade. Neste domínio, chamamos a vossa atenção, sō para um ou outro aspecto, dos que nos parecem mais importantes:

- Fala-se hoje de uma "espiritualidade nova". Trata-se, em geral, de uma espiritualidade modelada pela vida concreta e pelas novas situações, e nelas inserida. de um modo mais preciso, a procura desta nova espiritualidade situa-se no contexto de situações-de-fronteira, em particular de situações de conflito, de tensões e de opressões. Parece-nos bem que é um desafio a que teremos de fazer face: descobrir uma nova espiritualidade onde entrem a nossa vida real, a

nossa vida apostólica, e em particular, onde as situações-de-fronteira se possam reconhecer.

● Caminhando nesta linha, não faremos senão ir encontro da inspiração de Libermann, incarnada no contexto de hoje. Para o nosso Fundador, o essencial da vida apostólica é essa "vida toda de amor e de santidade do Filho de Deus". A vida religiosa é a via que nos faz viver a vida apostólica em plenitude. A conversão ao essencial pedir-nos-á uma vida religiosa integrada na vida apostólica e por ela modelada.

Re-fundação

Segunda conversão

Todo este conjunto de apelos e de conversões a fazer, de que fala este número de I/D, pode resumir-se na palavra "re-fundação". Tanto mais que há realidades novas que estão ainda apenas a esboçar-se. Pensaremos, por exemplo, no impacto que virão a ter na Congregação as jovens Províncias e as Fundações pela inculturação do carisma spiritano, a participação na Missão pelo Hemisfério Sul, a diversificação da Família spiritana nos seus membros e nos seus empenhos. Se há um novo mundo e uma nova Igreja em gènesese, não é menos verdade que há também uma "nova Congregação" em gènesese que se anuncia.

Esta esperança nós a vivemos, ao constatar os sinais e a caminhada de renovação que a Congregação vem fazendo. Trata-se verdadeiramente de uma "segunda conversão" da Congregação, análoga à das pessoas. O desafio é decisivo: Esta "segunda conversão" de Família spiritana é a promessa de que um tempo novo está para vir.

A EQUIPA GERAL

Responsáveis pela publicação: PP. Roland Quesnel e Manuel SANTOS NEVES,
Serviço di Informação C.S.Sp., Clivo di Cinna, 195 - 00136 ROMA (Italia).

